

Os barracos dos invasores foram desmanchados e seus pertences levados para o Pelezão. Muitas famílias possuem lotes, mas teimam em retornar ao Plano Piloto em busca de algum salário



Invasores deixam o Plano

O Serviço Social garante que até o final do mês retira todos os barracos da cidade

Vânia Rodrigues

Até o final do ano o Plano Piloto vai estar livre dos barracos de migrantes e de mendigos que estão espalhados por todos os cantos da cidade. A afirmação é da diretora da Fundação do Serviço Social, Lúcia Bittar, que deflagrou ontem, com a ajuda de vários órgãos do GDF, a operação "Brasília Teimosa". Todos os migrantes e mendigos — aproximadamente 200 pessoas — serão recolhidos ao estádio Pelezão para uma triagem. As famílias que já ganharam lotes, mas que insistem em viver em invasões, serão enviadas de volta aos seus lotes. Quem quiser retornar para a cidade de origem receberá passagem, e quem não tiver lote e nem quiser voltar para a terra natal será encaminhado ao Centro de Assistência Social (CAS).

Lúcia explicou que vai fazer de tudo para que um número muito

reduzido de pessoas seja encaminhado ao CAS. "Estamos com superlotação", justificou. Ela ressaltou que pelo levantamento feito nos próprios barracos, a maioria das famílias já tem lotes em Brasília ou em Samambaia. Por isso, no Pelezão uma equipe da Shis ficará responsável pela conscientização destas pessoas para que voltem a ocupar os seus terrenos, sob pena de perdê-los. A diretora da Fundação explicou ainda que os migrantes recolhidos ao Pelezão deverão permanecer no local no máximo por 36 horas.

Não queremos transformar o ponto de triagem num grande aglomerado de barracos", justificou.

A operação "Brasília Teimosa", começou ontem bem cedo, pela Asa Norte, mas as primeiras sete famílias só chegaram ao Pelezão por volta de meio-dia. Antes mesmo de se fazer a triagem, eles receberam um lanche. A diretora de operação, Marta Oliveira Sales,

disse que logo em seguida seria servido também um almoço. À disposição dos migrantes e mendigos estavam, além das assistentes sociais, equipes do Corpo de Bombeiros, da Shis e médicos. A polícia Militar também estava participando da operação dando o apoio necessário, tanto na remoção das famílias, como na triagem.

Confusão

Tão logo chegaram as primeiras famílias ao estádio, oriundas da Asa Norte, surgiu a primeira confusão. Algumas começaram a se lamentar e a dizer que os seus pertences não foram encaminhados ao Pelezão. "Eu sabia que era tudo uma tapiação. O caminhão com as minhas coisas saiu primeiro do que a gente e até agora não chegou", afirmava Maria Eleide Lima. Ela disse que sumiu dinheiro, fogão, vasilha e até a roupa das crianças.

Maria Neuza Ataide, também

que suas coisas tinham desaparecido. "Não chegou nada, nem a cama, nem as roupas ou vasilhas, tenho a impressão que fomos tapeados. Levaram as nossas coisas para o depósito". Marta Oliveira tentava acalmar a todos explicando que o caminhão logo chegaria. "Não é a primeira vez que removemos estas mesmas pessoas e elas sempre fazem este escândalo", afirmou Marta Oliveira.

Na 213 Norte também aconteceu uma pequena confusão quando os fiscais da Terracap começaram a desmanchar os barracos. Das 14 famílias que residiam no local, sete tinham carroças e queriam elas mesmas transportar os pertences. Alguns chegaram a fugir com parte das coisas. O fiscal Oldack Gomes de Oliveira disse que não poderia consentir porque tinha certeza de que eles esconderiam o material para reerguer os barracos tão logo a fiscalização fosse embora.

Falta de emprego justifica a volta

São pessoas como Maria Neuza Ataide, baiana, 3 filhos; Edilson Alves dos Santos, baiano, 5 filhos; ou Oneida Lima de Souza, cearense, 3 filhos que fazem a operação de remoção de migrantes e de mendigos chamar "Brasília Teimosa". A Secretaria de Ação Social pelo menos quatro vezes ao ano retira todas as famílias invasoras do Plano Piloto, concede lotes, passagens de volta à cidade de origem ou ajuda no aluguel mensal. Porém, pouco tempo depois elas estão de volta, com suas lonas e pedaços de madeiras para reerguerem os barracos e continuarem vivendo em condições subumanas, mas no centro da cidade.

Maria Neuza Ataide, que estava morando na 415 Norte há oito meses, tem um lote em Brasília. Ela confessou que sempre que tem remoção ela retorna para o seu lote, mas é obrigada a voltar a morar em invasão no Plano Piloto para não deixar os seus filhos morrerem de fome. "Lá não existe emprego e as pessoas também são pobres, não têm como me ajudar", justificou. Na ficha de Edilson Alves dos Santos consta que ele tem lote em Samambaia, mas morava com seu cunhado, esposa e filhos em um barraco na 213 Norte. "Na verdade o lote da Samambaia é da minha



No Centro de Triagem, eles recebem assistência e alimentação

mãe, e como não pude construir o meu barraco lá, o jeito foi continuar morando aqui".

Ontem, pela manhã, o barraco de Edilson foi desmanchado pelos fiscais da Terracap. Os seus pertences — poucas vasilhas, algumas roupas, um fogão e um pedaço de cama — foi encaminhado ao Pelezão. Edilson, entretanto, não se moveu do lugar. Ele e sua família

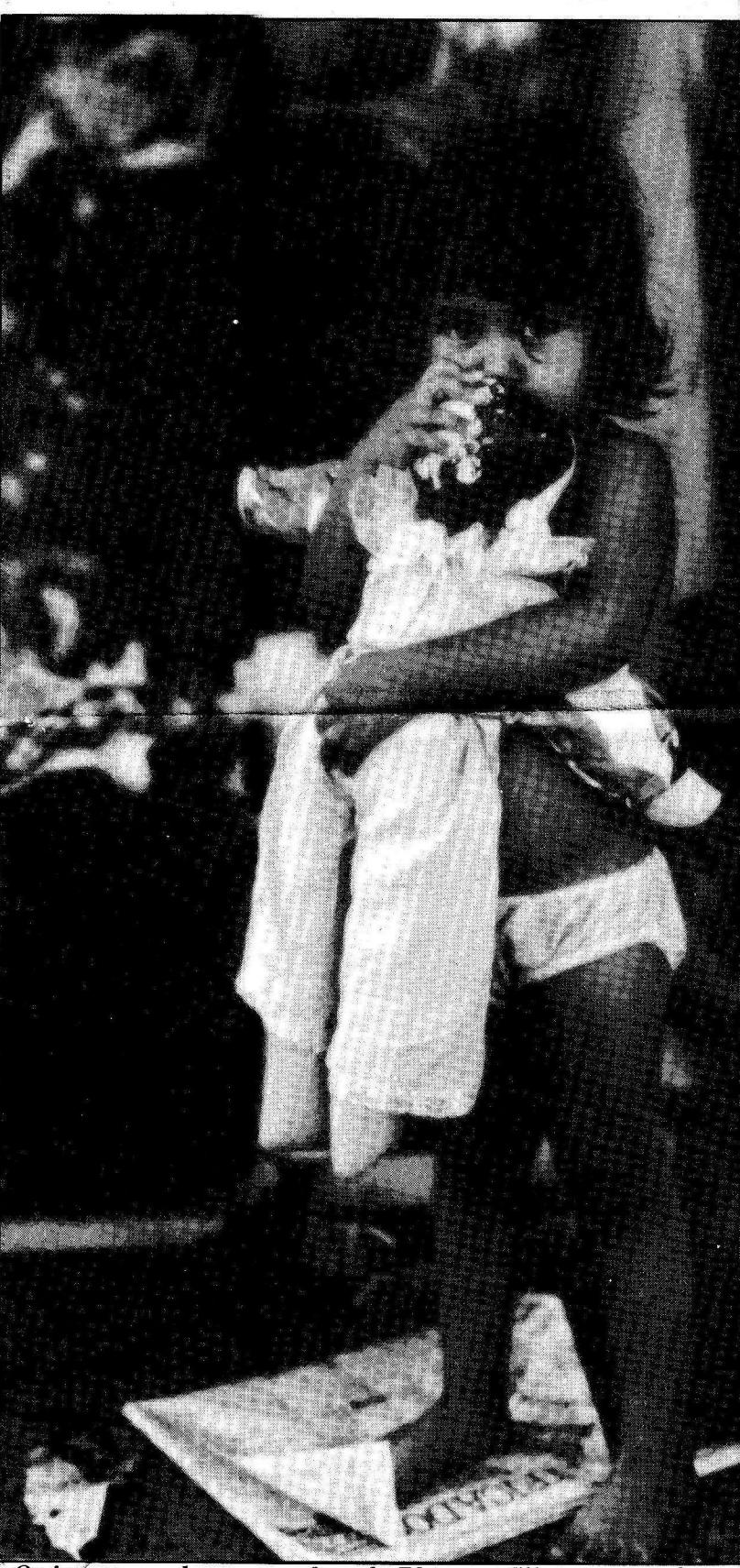
continuaram na 213 Norte, apenas com a sua carroça e um cavalo.

"Não posso sair daqui hoje, ainda tenho um carro para fazer que vai me render Cr\$ 30 mil. Depois disso decido o que faço", afirmou. Já a cearense Oneida, que morava em uma barraca de lona no Setor Bancário Norte, deixou bem claro para os fiscais que eles irão levar as suas coisas para o seu lote em

Monte Alto, Goiás, mas dentro de dois dias ela estará de volta em algum lugar do Plano Piloto.

"Já estou acostumada a me levar para Monte Alto e depois eu volto. Lá não tem como sobreviver, a gente trabalha como burro para ganhar Cr\$ 500,00 no fim do dia", justificou. Oneida lembra que esta será a terceira remoção que ela enfrenta nos últimos nove meses. Da primeira vez ela foi para o Cruzeiro, na casa dos pais, da segunda para Monte Alto e da última para o albergue, onde esperava conseguir telhas para consertar o seu barraco. "Vou continuar invadindo até receber da secretaria de Ação Social, Maria do Barro, tudo que preciso para ter um barraco decente", desafiou.

Maria do Carmo da Silva, que também já está acostumada com as remoções, deu uma de esperta e antes da fiscalização chegar em seu barraco na 213 Norte, ontem, pela manhã, ela desmanchou-o e escondeu os seus pertences. "Com este povo eu já estou esperta. Para não ter que ir e voltar, dei o golpe. Escondi as minhas coisas, que não são muitas", contava sorridente. Maria do Carmo tem lote em Brasília, mas afirmou que para lá não volta. (V. R.)



Os invasores alegam que fora do Plano os filhos passam fome